

O Exército Brasileiro nas Primeira e Segunda Guerras Mundiais

*Newton Bonumá dos Santos**

Resumo: Síntese da participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, com destaque para a DNOG (Divisão Naval em Operações de Guerra), e na Segunda Guerra Mundial, enfocando as ações do Exército na defesa do território nacional e na campanha da FEB (Força Expedicionária Brasileira) na Itália.

Palavras-chave: DNOG, FEB, teatro de operações do Mediterrâneo.

O Brasil foi o único país sul-americano que participou das duas guerras mundiais. Por duas vezes, a condição de beligerante colocou-o em alianças de que faziam parte as maiores potências da época, com conseqüências políticas e econômicas de longa duração, cujo estudo encontra-se fora do escopo deste trabalho.

É interessante destacar, porém, que a atitude do Governo e do povo de nosso País por ocasião das duas grandes conflagrações que marcaram o século XX concedeu-nos uma posição de destaque nos primeiros anos de funcionamento dos organismos internacionais nascidos ao final das mesmas, respectivamente a Liga das Nações e a Organização das Nações Unidas.

* General-de-Brigada. Sócio-titular do IGHMB. Comunicação apresentada em 6 de setembro de 2000, no Auditório Pedro Calmon, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O Exército brasileiro teve sua evolução nestes últimos oitenta anos muito influenciada pelo que ocorreu no planeta nos períodos 1914-18 e 1939-45. É, pois, interessante, que se estude a participação de nossa Força Terrestre nessas duas guerras.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Em termos militares, a participação brasileira na chamada Grande Guerra foi modesta. O apoio do País às nações que combatiam os impérios centrais concentrou-se na área econômica, por meio do fornecimento de matérias-primas e de alimentos. Também proporcionamos auxílio humanitário à França, com a operação – entre agosto de 1918 e meados de 1919 – do Hospital Franco-Brasileiro, instalado em Paris. Nele serviram 161 civis, dos quais 82 profissionais de saúde e dez médicos militares,

sendo cinco do Exército e cinco da Marinha. Apesar de o conflito ter começado no verão europeu de 1914, nosso Governo só se declarou em guerra em outubro de 1917. Militares patrícios somente intervieram em 1918, na fase derradeira das operações.

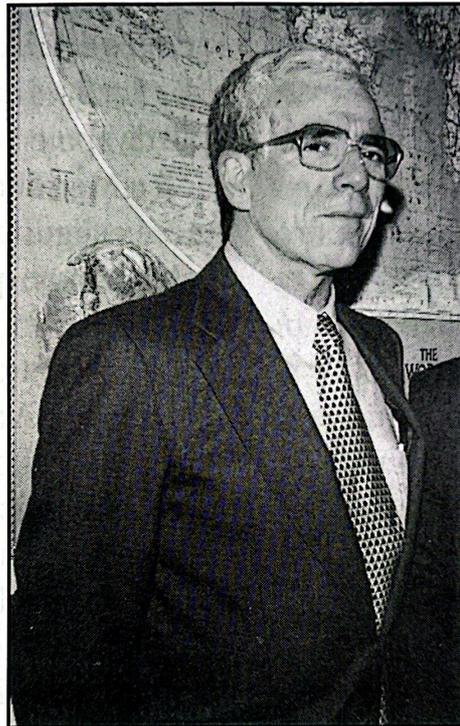
A Armada empenhou-se bem mais do que o Exército. Em maio de 1918, foi criada a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), composta por oito navios¹ e destinada a atuar fora de nossas águas territoriais. Registram os anais que, no Dia do Armistício, 11 de novembro de 1918, uma parte da Divisão (um cruzador e três contratorpedeiros) encontrava-se em Gibraltar, na entrada do Mar Mediterrâneo. Sete pilotos navais – reforçados por um oficial aviador do Exército – integraram um grupo aéreo misto de brasileiros, britânicos e esta-

dunidenses organizado no Reino Unido. Durante vários meses, a unidade patrulhou o Canal da Mancha, em busca de submarinos alemães. Quando as hostilidades cessaram, o grupo continuou em atividade na mesma área, dirigindo seus esforços para a localização e destruição de minas flutuantes.

O Exército possuía, em 1917, um efetivo autorizado de cerca de 25 mil homens e

¹ Três cruzadores, quatro contratorpedeiros, um t tender e um rebocador.

o real de menos de 18 mil militares, para uma população nacional de 25 milhões de habitantes. Sua participação direta na guerra européia constou apenas dos cinco médicos já citados e de um grupo de oficiais enviado à França para estudar as modificações provocadas pelo conflito nas técnicas e nas táticas das forças terrestres. Destes,



General-de-Brigada
Newton Bonumá dos Santos.

o que viveu a maior aventura foi o então Tenente José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, pois comandou com brilho uma fração elementar de Cavalaria em uma unidade do Exército francês, foi ferido em combate e hospitalizado. Na instalação de saúde, conheceu uma enfermeira inglesa com quem veio a se casar. Ambos os grupos – médicos e observadores – foram apoiados por nossos adidos militares lá residentes, entre os quais se destacou o futuro Gene-

ral Alfredo Malan D'Angrogne, muito atuante junto às autoridades francesas e um dos primeiros oficiais brasileiros a voar em missão de observação sobre área de combate. Não deve ser esquecida uma missão de engenheiros enviada aos Estados Unidos da América, com o objetivo de realizar observações técnicas sobre a produção de material bélico e de conhecer os fabricantes locais de armamento.

Modesta como foi, a colaboração brasileira na luta contra as nações lideradas

pelo Império alemão acabou reconhecida no pós-guerra. Ela rendeu para nós uma posição de destaque na Liga das Nações e a gratidão de povos como o belga, cujo Rei Alberto visitou o Rio de Janeiro em viagem de agradecimento.

O contato com o Exército gaulês – e a percepção de nosso atraso nos campos do treinamento e da tecnologia de emprego militar – foram fatores determinantes para a pronta contratação na França, pelo Governo brasileiro, de uma missão militar de instrução. Nos vinte anos que separaram as duas guerras mundiais, essa missão teve uma atuação muito importante na organização e na conduta do ensino bélico no âmbito do Exército brasileiro, bem como no reequipamento de suas unidades de combate e apoio ao combate.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O BRASIL ENTRA NA GUERRA

Em 1º de setembro de 1939, quando a Segunda Guerra Mundial começou, éramos uma nação com cerca de quarenta milhões de habitantes e mantínhamos um Exército de menos de noventa mil homens.

Tal como ocorrera 25 anos antes, nosso Governo inicialmente tentou manter o Brasil afastado da luta que se desenrolava no Velho Mundo. Em conferência de chanceleres que teve lugar no Panamá, ainda em 1939 – junto com as demais nações americanas independentes –, declaramo-nos neutros em relação à guerra, então apenas européia. Em outra reunião de representantes dos Estados americanos, desta vez na capital cubana, em julho de 1940, assinamos

uma declaração que rezava ser uma agressão a um deles um ataque a todos.

Logo após a ação ofensiva japonesa às bases estadunidenses no Havaí, declaramos nossa solidariedade ao povo norte-americano. Menos de dois meses depois daquele ataque, em 28 de janeiro de 1942,² nosso Governo rompia relações diplomáticas e comerciais com os três integrantes do chamado Eixo: Alemanha, Itália e Japão. Em consequência dessa posição de apoio a um dos grupos em conflito, nossa Marinha Mercante sofreu, nos sete meses seguintes, freqüentes ataques de submarinos, que causaram a perda de 19 navios e a morte de mais de setecentos patrícios, entre eles os integrantes de uma unidade de Artilharia do Exército que se deslocava a bordo do vapor *Baependi*, do Rio de Janeiro para o Nordeste. A seqüência de afundamentos³ causou profunda comoção. Nas ruas das grandes cidades, multidões passaram a exigir do governo uma declaração de guerra às nações do Eixo. Atendendo ao clamor público, essa declaração foi expedida em 31 de agosto de 1942.

O PAPEL DO EXÉRCITO

Primeira Missão: Defender o Território Nacional
Declarada a guerra, adquiriu maior urgência e importância a gigantesca missão que já vinha sendo cumprida pelo Exército: preparar-se para garantir a integridade do

2 Ao final da III Reunião de Consultas dos Ministros das Relações Exteriores, levada a efeito no Rio de Janeiro, a partir de 15 de janeiro de 1942.

3 Em agosto de 1942, ao largo da costa de Sergipe, foram destruídos cinco navios em cinco dias, o que resultou na morte de 607 pessoas.

território nacional. Compunha-se a mesma de três tarefas, que deveriam ser conduzidas simultaneamente: o reforço do dispositivo das forças terrestres no Sul e na fronteira sudoeste, o estabelecimento de uma linha de postos avançados na fronteira amazônica e a criação de um sistema eficaz de defesa do litoral.

A partir de 1939, as unidades sulinas tiveram seus efetivos aumentados e passaram a receber material para completar suas dotações. Havia na época da guerra – e nos anos que se seguiram – um luxo que hoje em dia os comandantes desconhecem: a existência, no almoxarifado das unidades, do equipamento necessário à formação das subunidades de mobilização.

A ordem de batalha adotada, a partir de 1940, no Sul e na área do atual estado de Mato Grosso do Sul foi considerada tão adequada que vigorou até o início da década de 1970: duas divisões de infantaria e três divisões de cavalaria no Rio Grande do Sul, uma divisão de infantaria reforçada por alguma cavalaria em Santa Catarina e no Paraná, e uma divisão de cavalaria com o comando em Campo Grande, justaposto ao da 9ª Região Militar.

Em 1943, para coordenar e controlar as medidas de integração à comunidade nacional de áreas importantes – mas até então esquecidas – e facilitar sua defesa, foram criados, na fronteira sul, dois territórios federais: o de Iguazu (Paraná) e o de Ponta Porã (Mato Grosso), cujos governadores foram, normalmente, oficiais do Exército.

Para caracterizar a presença do Governo federal nas áreas de fronteira norte e oes-

te, foram instalados destacamentos da força terrestre em pontos notáveis da rede fluvial amazônica, tais como Boa Vista, Cucuí, Içá, Oiapoque (no rio de mesmo nome), Príncipe da Beira, Tabatinga e Vila Bitencourt.

Na margem do Atlântico, tratava-se não apenas de caracterizar a soberania nacional pela manutenção de tropa e pela presença da bandeira no mastro do quartel. Havia a necessidade de organizar a defesa, mesmo que a possibilidade de invasão em força pelas tropas do Eixo não fosse iminente, particularmente após os desembarques aliados levados a efeito no Norte da África, em novembro de 1942.

O dispositivo anterior à guerra era insuficiente para a nova situação. Basicamente, constituía-se em um batalhão de caçadores em cada capital e em algumas cidades do litoral, além da artilharia de costa concentrada nos acessos marítimos a Santos e ao Rio de Janeiro.

Considerando a importância de Salvador e Recife, o Governo tomou a medida mais rápida ao seu alcance para defender seus portos. Despachou os encouraçados *Minas Gerais* e *São Paulo*, respectivamente, para cada uma dessas cidades, com a missão de atuarem como baterias fixas flutuantes de grosso calibre, com a finalidade de desencorajar qualquer veleidade de incursão inimiga.

Paulatinamente – e com grande esforço – foi montado um dispositivo de defesa do saliente nordestino que, no final da guerra, incluía unidades de Infantaria, Artilharia e Engenharia no continente e no arquipélago de Fernando de Noronha, bem como um

grupo motomecanizado de reconhecimento em Recife.

Segunda Missão: Combater na Europa

A Preparação da FEB

Um ano mais tarde, começou a real preparação para o cumprimento da segunda e mais difícil missão: participar da guerra na Europa.

Em 9 de agosto de 1943, portaria do Ministro da Guerra tratava da criação da primeira das três divisões que iriam constituir o Corpo de Exército Expedicionário a ser deslocado para o continente europeu. Essa divisão – que seria comandada pelo General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes – teria sua área de concentração e treinamento na Capital Federal. Uma segunda seria organizada no Sul e a terceira divisão teria seu quartel-general inicialmente localizado em Engenho da Aldeia, próximo a Recife.

Tratava-se de um desafio enorme: um Exército com efetivo reduzido, que não participava de operações há setenta anos, distendido por 16 mil quilômetros de linha terrestre e mais de sete mil de litoral, deveria agora preparar cerca de sessenta mil combatentes para lutar contra inimigo experiente, em terreno e clima estranhos. Assim, deveria treiná-los para empregar material com o qual não estavam acostumados, enquadrá-los em uma organização idêntica à encontrada no Exército dos Estados Unidos e fazer com que passassem a empregar técnicas e táticas desconhecidas.

O esforço inicial concentrou-se na organização da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Os três regimentos escolhi-

dos para comporem a grande-unidade foram o Sampaio (1º RI – Rio de Janeiro), o Ipiranga (6º RI – Caçapava) e o Tiradentes (11º RI – São João Del Rei). Os quatro grupos de artilharia foram mobilizados em unidades da arma com sede em Campinho, Deodoro e São Cristóvão (no então Distrito Federal) e em Quitaúna (São Paulo). Todas essas unidades, mais o 9º Batalhão de Engenharia (de Mato Grosso), o 1º Batalhão de Saúde (organizado em Valença, no Estado do Rio de Janeiro) e diversas subunidades de outras especialidades começaram a ter seus efetivos completados e instruídos segundo regras publicadas em manuais norte-americanos recém-traduzidos.

As fases de recrutamento, seleção, instrução e adestramento foram um período difícil para todos os envolvidos. Vários fatores contribuíram para essa dificuldade: militares da ativa e da reserva em condições físicas abaixo dos padrões requeridos, insuficiência de homens treinados em determinadas especialidades, inadequadas imposições de ordem administrativa, transferências frequentes de oficiais, falta de meios materiais e de recursos financeiros, carência do equipamento e do armamento que seriam empregados na Europa, passagem de uma doutrina de origem francesa para outra, norte-americana.

Graças ao empenho dos responsáveis por sua preparação, a 1ª DIE superou esses óbices e começou a embarcar em julho de 1944 para o destino que lhe fora determinado: o Teatro de Operações do Mediterrâneo e a Itália, aonde iria integrar o V Exército dos Estados Unidos.

A Área de Operações

Antes de prosseguir, é interessante que façamos um rápido resumo do que ocorria naquela parte do Teatro de Operações do Mediterrâneo.

Desde o início de setembro de 1943, dois exércitos de campanha aliados progrediam do sul para o norte na Itália, conquistando sucessivas posições alemãs montadas em elevações de difícil acesso e apoiadas em obstáculos de vulto⁴. No lado oriental da “bota” – junto ao Adriático – combatia o VIII Exército britânico.⁵ Na parte oeste – apoiado nos mares Tirreno e Ligúrico – avançava o V Exército dos Estados Unidos, comandado pelo Tenente-General Mark Wayne Clark. No verão de 1944,⁶ devido à necessidade de reforçar as tropas que invadiram a França e a Grécia, esses dois exércitos possuíam em conjunto apenas vinte divisões, em lugar das 27 de alguns meses antes.⁷ Na ocasião, enfrentavam elementos de 25 divisões alemãs,⁸ um

terço do total das forças germânicas na frente ocidental. E essa era, justamente, a missão dos aliados na Península – como fora descrita pelo futuro Comandante Supremo do teatro, General Harold Alexander: “Forçar o inimigo a empenhar um máximo de divisões na Itália.”

Para cumpri-la, combatiam ali soldados de vários países, entre os quais o Canadá, Estados Unidos, França (e colônias), Grécia, Índia, Nova Zelândia, Reino Unido (e colônias) e Polônia. Com seu suor e seu sangue, eles impediram – durante um ano e oito meses – que o comando alemão rocasse seus meios desdobrados na Itália para a Iugoslávia, a França ou para a frente oriental.

De 6 de setembro de 1944 até 2 de maio do ano seguinte – 239 dias de ação contínua – brasileiros da 1ª DIE participaram desse esforço coletivo, não tão divulgado como os combates nas praias da Normandia, nas margens do grande Reno ou nas planícies da França e dos Países Baixos, porém essencial à consecução da vitória final aliada na Europa.

O Destacamento FEB

Em 16 de julho de 1944, chegou a Nápoles⁹ o primeiro escalão da FEB. Eram 5.075 homens, comandados pelo General-de-Brigada Euclides Zenóbio da Costa e que tinham por base o 6º RI (Regimento Ipiranga).¹⁰

Essa tropa – que hoje identificaríamos como uma brigada – contou com menos de dois meses para receber e assenhorear-se de

4 Linha Volturmo: Nápoles-Foggia (193km – até 12.10.43); Linha Gustav: Gaeta-Pescara (160km – até 15.05.44 – rios Liri e Sangro); Linha Roma-Pescara (até 05.06.44) e Linha Gótica: Pisa-Florença-Arezzo-Ancona (240km – até 11.08.44 – Rio Arno).

5 Comandantes: Tenente-General Sir Oliver Leese até 03.11.44; Tenente-General Sir Richard L. McCreery.

6 Enquadrados pelo 15º Grupo de Exércitos (Comandante: General Harold Alexander, futuro Marechal-de-Campo e Primeiro Conde de Tunis).

7 Três divisões de infantaria dos Estados Unidos (3ª, 36ª, 45ª) e o 2º Corpo francês (4 divisões de infantaria, comandado pelo General Jean de Lattre de Tassigny) foram retirados para a invasão do Sul da França (Operação Anvil, depois chamada Dagoon).

8 Grupo de Exércitos (Comandantes: Marechal-de-Campo Albert Kesselring; depois General Oberst Heinrich Vietinghoff-Scheel), com uma média de 25 divisões, das quais uma motorizada e outra de fuzileiros blindada.

9 Transportado pelo navio americano *General Mann*.

10 Comandantes: Coronel Segadas Vianna e Coronel Nelson de Mello.

seu novo equipamento, e também para se adaptar ao ambiente em que iria combater.¹¹

A primeira missão teve um caráter técnico e foi cumprida pela Companhia de Engenharia do Destacamento (6 de setembro). As missões táticas foram iniciadas em 15 de setembro e tiveram seu ponto alto na conquista da cidade de Camaiore (18 de outubro) por uma força tarefa (FT) ancorada na 2ª Companhia do 1º Batalhão do Regimento Ipiranga, comandada pelo Capitão Ernani Ayrosa da Silva.¹²

Essa fase inicial das operações da FEB – executadas no vale do Rio Sercchio – perdurou até a primeira semana de novembro. Foi caracterizada pela mobilidade, em uma marcha para o combate na busca do contato com o inimigo que retraía para o norte, pretendendo se instalar em uma nova linha de defesa.

Operações no Inverno e Conquista de Monte Castelo

Com a incorporação da tropa dos segundo e terceiro escalões, chegara a ocasião de a 1ª DIE atuar como um todo, sob o comando brasileiro. Para isso, a grande unidade foi deslocada para o interior da península e posicionada no vale do Rio Reno, na região de Porreta Terme, nas proximidades da rodovia que une Pistóia a Bolonha. Entrou, dessa forma, na segunda fase das operações – que se estendeu pela

11 Nas localidades de Bagnoli (Nápoles), Tarquínia (norte de Roma) e Vada (sul de Pisa, a 25km da linha de frente do Rio Arno).

12 Constituição da FT: 1º/2ª Companhia, Pelotão de Carros-de-Combate (EUA), Seção de Artilharia (GB), Pelotão de Metralhadoras, Pelotão de Morteiros, Pelotão de Reconhecimento/Esquadrão de Reconhecimento, Pelotão de Engenharia e Seção de Saúde.

maior parte de um rigoroso inverno europeu e foi essencialmente um período de agressiva manutenção do contato com forte posição defensiva inimiga. De seus postos nas cristas das montanhas, os alemães barravam o acesso ao centro rododiferroviário de Bolonha, ao vale do Rio Panaro e à grande planície do norte, passagem para o passo de Brenner e o território do III Reich.

Foram três meses de patrulhamento diuturno, sobre encostas muitas vezes cobertas de neve. Foram quatro tentativas infrutíferas de conquistar a elevação-símbolo da área – o Monte Castelo.¹³

Já na terceira fase de sua atuação – que teve lugar de 20 de fevereiro ao início de março de 1945 – a FEB participou com destaque das ações ofensivas do 4º Corpo de Exército dos Estados Unidos,¹⁴ que visavam à conquista de posições que possibilitassem o desencadeamento, na primavera, do ataque final do 15º Grupo de Exércitos aliado contra as forças inimigas na Itália. Os pontos marcantes foram a quinta – e vitoriosa – arremetida contra o reduto de Monte Castelo (21 de fevereiro) e a conquista de Castelnuovo di Vergato (5 de março),¹⁵ um ataque de infantaria digno de um livro-texto de tática.

13 Em 24 e 25.11.44: Força Tarefa 45 + Batalhão Brasileiro; 29.11.44: um batalhão de cada Regimento de Infantaria; e 12.12.44: dois batalhões do 1º Regimento de Infantaria mais dois batalhões do 11º Regimento de Infantaria.

14 Comandado pelo Tenente-General Willys Crittenberger, que conduziu a execução do Plano *Encore*.

15 Pela 3ª/1º/6º Regimento de Infantaria, após um ataque noturno iluminado por projetores, coroando a manobra realizada por dois batalhões: 1º/6º Regimento de Infantaria (Major João Carlos Gross) e outro do 11º Regimento de Infantaria (Major Ramagem).

Ofensiva da Primavera

Após o episódio de Castelnuovo, a divisão passou cerca de quarenta dias reajustando seu dispositivo e mantendo o contato, preparando-se para a Ofensiva da Primavera. Esta teve início com a desgastante conquista de Montese pelo 11º (14 de abril), e prosseguiu em clima de aproveitamento do êxito até o combate de Zocca (20 de abril). A partir daí, as operações adquiriram um ritmo mais rápido: grupamentos táticos (GT) nucleados em batalhões de infantaria (algumas vezes transportados nas viaturas tratores da Artilharia Divisionária) deslocavam-se por vários itinerários, buscando cercar as unidades adversárias que se retiravam pelo vale do Panaro, em demanda da planície do Pó.

Em 27 de abril, batalhões dos 6º e 11º Regimento de Infantaria conquistaram a cidade de Colecchio, onde acabou o movimento retrógrado organizado do inimigo. No dia seguinte, travou-se o derradeiro combate da FEB, em Fornovo di Taro. Nessa pequena povoação foi negociada, em 29 de abril, a rendição das tropas do Eixo desdobradas na área.

O Final e o Balanço da Campanha

Nos últimos dias da guerra na Itália, elementos da 1ª DIE foram empregados em rápidos movimentos para o oeste – na direção da fronteira com a França – com a finalidade de estabelecer ligação com tropas desse país. A junção teve lugar em Susa, a sudoeste de Turim, em 2 de maio de 1945.

A FEB havia permanecido sete meses e meio em ação contínua. Tinha empregado em combate e em apoio mais de 25 mil brasileiros e enfrentara elementos de 13 dife-

rentes divisões, dez germânicas e três italianas.¹⁶ Aprisionara mais de vinte mil militares inimigos, dos quais dois generais e quase novecentos oficiais¹⁷ – em sua maioria pertencentes à 148ª Divisão de Infantaria e à 90ª Divisão de Fuzileiros Blindada alemãs, e à Divisão Bersaglieri Itália.¹⁸

O preço tinha sido bem alto: mais de 2.700 feridos e acidentados; 35 feitos prisioneiros e – o pior de tudo – 443 mortos.¹⁹

Encerrava-se, assim, a participação direta do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Faltavam para a FEB exercer durante cerca de um mês o governo militar em área que lhe coube no norte da Itália²⁰ e preparar-se para o retorno à Pátria.

Sua desmobilização foi ordenada²¹ quando o primeiro escalão cruzava o Atlântico, antes do desembarque triunfal no porto do Rio de Janeiro, ocorrido em 18 de julho de 1945.

Os últimos integrantes da Força Expedicionária Brasileira foram desligados de suas unidades em outubro de 1945, mês em que ocorreu a deposição do Presidente Getúlio Vargas (29 de outubro de 1945), que os havia mandado lutar na Europa.



16 Divisões alemãs: 94ª, 148ª, 232ª, 305ª e 334ª de Infantaria; 42ª e 114ª Leves (*Jaeger*); 29ª e 90ª de Fuzileiros Blindada (*Panzer Grenadier*); Corpo de Pára-quedistas Blindado *Herman Goering*. Divisões italianas: Bersaglieri Itália; Monte Rosa; San Marco.

17 Prisioneiros da FEB: General Otto Fretter Pico (148ª Divisão de Infantaria) e Mario Carloni (Bersaglieri Itália); 2 oficiais-generais, 892 oficiais e 9.679 praças, totalizando 20.573 homens.

18 Além de 80 canhões, 1.500 viaturas e 4.000 solípedes.

19 Baixas na FEB: mortos: 443 (13 oficiais + 430 praças); feridos em combate: 1.577; acidentados: 1.145 (487 em combate); prisioneiros: 35 (1 oficial + 34 praças) e extraviados: 23 (10 desconhecidos).

20 Região de Piacenza e Alexandria, de 08.05 a 03.06.45.

21 Aviso Ministerial de 06.07.45.